

Coreto

Jornal de Literatura – Araxá-MG – 04 de dezembro de 2015 – Ano I – Nº. 001

“Pensamento viajero” tem noite histórica

Carolina Angélica de Oliveira Passos, como Carolina Guimarães, deu de presente a Araxá, em seus 150 anos como cidade, um livro de crônicas, “Pensamento Viajero”, com textos que retratam um grande cenário da história de Araxá em pinceladas ágeis, leves e agradáveis de serem lidas.

O evento foi realizado na Biblioteca Pública Municipal. Lá estavam seus companheiros da Academia Araxaense de Letras, seus familiares e amigos, a Diretora da Biblioteca com seus auxiliares e um significativo público amante da Literatura.

Leonardo, filho de Carolina, leu uma análise e comentário do livro escrita pela íbiaense Maria José de Castro, o Prof. Hermes Honório da Costa falou sobre a importância da Literatura e sobre a crônica como forma literária e Diogo Meira declamou dois textos da literatura e cultura nordestina; um espetáculo de

AALetras faz festa para celebrar 2015

Hoje, dia 04 de dezembro, a Academia Araxaense de Letras (AALetras) reúne seus membros, a partir das 19 horas, no *Santiago Bistrô*, para comemorar os bons resultados e as conquistas realizadas neste ano de 2015.

Este encontro é ainda uma forma de celebrar, pública e socialmente a participação dos escritores araxaenses nas comemorações dos 150 anos de Araxá, como cidade.

Neste ano, a AALetras comemora também o seu cinquentenário de fundação. São cinquenta anos de vida e de realização literária.

apresentação. Fizeram uso da palavra a Diretora da Biblioteca, Maria José Chada Assunção e o Presidente da AALetras, Márcio de Paula. Carolina falou de seu livro e produção literária. O cerimonial foi coordenado e apresentado por Ana Paula Machado Kikuchi.

Esta noite de 28/10/2015 ficou registrada como significativa página literária para a história de Araxá.

Outubro, quatro

“Dia do poeta”

O sol já nasce queimando as serras e os montes
E torra a terra; sofrem, secam as nascentes.
Águas e rios não há mais. Dispensam pontes.
Poeira e pó; as estradas trilhos silentes.

O sol já sobe ao longe e despeja calor.
As sombras encham de esperanças, que já morrem.
O meio dia tórrido é somente dor
E tudo para no Planalto e todos dormem.

E não há verde, não há flores, não há nada.
Os passarinhos fogem todos – revoadas.
As nuvens, chuvas... primavera está distante.

E todos... tudo para, tudo anestesia...
Calor, silêncio, tédio, nó... paralisia.
Assim, sanguínea, morre a tarde no horizonte.

Hermes Honório da Costa
AALetras – Cadeira 15

Editorial

Crônicas
- politicamente incorretas -

I – Aqueles olhos

O que fazem, o que veem aqueles olhos verdes atrás das lentes da ágil *rolleiflex*? Sei que fazem bem mais que fotos e veem as veias daquele complexo sistema em que transita JK.

Entre o Planalto e a antiga Capital há uma cosmopolita pauliceia, desvairada, desde os anos de Oswald e Mário, atormentando a vida dos políticos e dos amantes...

Mas aqueles olhos verdes que ainda ontem brilhavam durante a conversa entre mim e ela, quando falávamos dos saudosos cinco anos que queremos sempre lembrar e dos vinte e um que pagamos qualquer preço para nunca mais repetirem...

Escolhida “a dedo” por F. A. Chateaubriand, era sempre flashes, e sem flashes, para guardar as imagens dos feitos do inesquecível Presidente.

Mas aqueles olhos verdes viam mais, faziam mais que enquadrar a melhor imagem e disparar a máquina. Eles viam para onde olhavam o Presidente e enxergavam e que viam o olhar mineiro e diamantino de seu e de nosso Presidente.

Um vulto, uma sombra de mulher que esgueirava nos vãos dos cortejos, dos salões, levando aqueles olhos verdes escondidos atrás das lentes da *rolleiflex* para fotografar o que queriam o Jornalista e o Presidente...

E atrás da máquina e dos olhos verdes estava uma mulher que protegia o Presidente e seus amores.

Ontem à noite, conversávamos e esta mulher de olhos verdes, os mesmos de sessenta anos atrás, brilhavam faíscas de esmeraldas que faziam sorrir os lábios e reencantar aquele coração e aquele rosto, e aquelas mãos, e aqueles pés e aquele corpo inteiro que são testemunhas do que foi, fez e viveu o mais amado, encantado e amante Presidente...

A invenção da língua foi, sem dúvida, uma grande conquista do homem. Poder representar por palavras toda a realidade material existente, e os fatos e acontecimentos também, é qualquer coisa de fantástico.

As palavras não são simplesmente sons e rabiscos. Elas têm, matéria, cor... vida... elas têm sentido e o poder de criar realidades quando, sozinhas ou em conjunto, formam discursos.

E, exatamente aí, no espaço do discurso “é que mora o perigo”, pois as estruturas de poder dominante nas sociedades descobriram que é possível controlar as pessoas e os grupos sociais, controlando os sentidos das palavras e dos discursos... Controlando, censurando, interditando as palavras e os discursos, pode-se dominar as pessoas.

Sabendo disso, o homem inventou a Literatura, que é uma estratégia social que permite uma fuga desta interdição, desse controle. A Literatura garante a liberdade de expressão. Nela tudo pode ser dito e os discursos transitam livres, com seus sentidos... A Literatura é o espaço da liberdade.

As estruturas de poder dominantes, sabendo disso procuram interditar a Literatura, por diversos meios, silenciando os escritores, controlando as edições de seus textos e a própria circulação dos textos literários.

O maior desastre tem acontecido no espaço da escola. Ali, a censura e a interdição da palavra e do discurso são praticadas pela imposição do livro didático e pelo esvaziamento da criação literária. Mas, em todos os espaços sociais, a liberdade da literatura foi trocada pelo controle “do que pode e deve ser dito”...

Mas, como o homem não se cansa nessa sua luta permanente pela conquista da liberdade, sobretudo da liberdade de dizer, de escrever, de produzir sentidos... de fazer Literatura, poetizando a vida, as palavras, tudo... Por essa razão, circula a partir de hoje, quatro de dezembro de 2015, a primeira edição de **Coreto**, uma publicação que partilho com meus pares da Academia Araxaense de Letras e com quem gosta de Literatura, de poesia... em especial os participantes da AJULE – Academia Araxaense Juvenil de Letras.

Oportunamente, esta é uma forma de comemorar os 150 anos de Araxá como cidade.

Coreto, pelo sentido social e histórico que esse espaço tem, dá nome ao periódico que vai pra rua com a boa vontade e as limitações de seu editor.

Essa primeira edição conta com poucas participações, mas **Coreto** quer ser o lugar de encontro de quem gosta de Literatura. Sejam bem vindos!

Pois...
“mais que nunca, é preciso cantar / é preciso cantar e acordar a cidade”...

Expediente

Coreto é uma publicação, sem fins lucrativos, destinada à difusão da Literatura e a publicação de escritores consagrados ou não. As notícias aqui publicadas devem ser redigidas em linguagem literária, fazendo uso da liberdade própria dessa forma de expressão. Os textos, com suas informações, são de responsabilidade de seus autores.

Editor: Hermes Honório da Costa (hermeshc@gmail.com)

Colaboradores: diversos, conforme identificação nos textos publicados.
Rua Carlos Rallo, 145 – Recanto das Mangueiras - 38182-142 – Araxá – MG

Ao Mestre, com saudade

Prof. João Rios Montandon foi e continua sendo meu Mestre de Literatura.

Como homenagem a ele, a quinze dias de Araxá completar 150 anos de seu reconhecimento como cidade, reproduzo seu soneto monossilábico, “D. Beja”, com que ilustrou uma aula que nos deu sobre o soneto, quando explicava ser ele uma forma clássica, mas que pode ser modernizado, “pois Literatura é um espaço de expressão em que a criação é sempre possível”.

– A bênção Professor!

D. Beja

Oral!
Veja,
Beja
Chora.

Coa
Peja
Seja
Hora...

Vida
Lassa
Passa

Medra
Fedra
Vida.

Paira a lua de prata no horizonte
Os montes em silhuetas já são vistos
Sabiás soltam gritos bem distintos
Primavera e inverno – tempos mistos.

Soneto aldravista

– Toco a aldrava, meu amor responde.
É pura ilusão, é só fantasia.
Os sonhos vêm, não pergunte d’onde.
Abandonar o amor é grande covardia.

– A aldrava toca, o amor responde.
Grande ilusão o fim do dia.
O amor vem, tu sabes d’onde?
Sonhar felicidade não é só aleivosia.

Toca a aldrava, olha bem longe.
Amor verdadeiro juro que eu via.
As portas antigas o amor esconde.

Bater, abrir, o coche, o bonde
A aldrava, a porta... intensa porfia.
– Se faça aldravia, amor é grande.

Cuidado!!!

Politicamente incorreto

A sanha de poder leva a polícia e a justiça do lugarejo a reproduzir a truculência dos “anos de chumbo” e aniquilam cidadãos... Mas chega o momento de “botar a mão” no homem da grana, da suja grana... e “botam a mão” na grana, na suja grana...

– Aqui é da rádio... gostaria de saber quais os próximos passos da “operação...”

– É... sabem como é... como já dissemos... concluímos o inquérito e encaminhamos para a Promotoria de Justiça..

... Justiça!... Que Justiça?!...

Aos que vieram antes... e construíram os alicerces desta cidade

Sol reflete no rio quebra-anzol arrebol.	Pôr-de-sol anuncia vigília... tudo é caiapó.	Forasteiros rasgam rios ouro diamantes ilusões.	Pedras ouro diamantes montes altaneiros aventureiros.	Jequitibá reza chora ida vinda pau-de-binga.
---	---	--	--	---

Estamos comemorando 150 anos de um evento muito importante para Araxá: seu reconhecimento como cidade.

Como nada acontece por acaso, é preciso reconhecer que muita história existe e foi construída antes desta data tão importante: 19 de dezembro de 1865.

No princípio, tudo era natureza – as serras, os vales, os montes – tudo era coberto de verde e o sol batia seus raios nas cristalinas águas dos rios, especialmente o quebra anzol, produzindo a poética realidade conhecida como arrebol: o dia ocupava toda essa região, mais tarde chamada de Sertão da Farinha Podre, cuja razão deste nome ninguém jamais soube.

Ao cair da tarde, o sol pinta de sangue o horizonte. Aos poucos, tudo silencia. Lua e estrelas iluminam o planalto. O céu fica bordado de luzes. Na terra, um ou outro barulho de animais noturnos e a vigilância plena e permanente dos caiapós.

Forasteiros, aventureiros e garimpeiros vindos de Formiga, São João d’El Rei, de tantos lugares vão chegando, rasgando rios e riachos, morros e vales e desembocam em um rio chamado mais tarde de Rio das Abelhas. Ali, nasce e morre Desemboque, hoje, apenas duas igrejas, um cemitério e algumas casas – nenhuma das antigas. Só as igrejas desafiam o tempo.

Um mesmo começo, acrescido dos criadores de gado, é reservado a São Domingos dos Arachás. Passagem e posto de tropeiros e boiadeiros deu lugar ao primeiro conjunto de casas e de moradores... por volta de 1775... mas, na beira do caminho havia um Jequitibá, havia o Pau de Binga. Segundo Dona Leonilda Montandon, “*Distante uns 5 quilômetros da cidade, à esquerda de quem vai para o Barreiro, encontrava-se o “Pau de Binga”, frondoso jequitibá, muitas vezes centenário. À sua sombra, os índios araxás celebravam suas vitórias, ao som de cantos guerreiros...*”.

Desde o tempo em que somente os indígenas aqui viviam, esse jequitibá, o Pau de Binga, era testemunha e ponto de referência dos melhores acontecimentos daqui. Ele acolheu os primeiros aventureiros, os primeiros boiadeiros, os primeiros garimpeiros, os primeiros fugitivos... e para todos

servia de ponto de referência. Ele testemunhou a criação do povoado; a demarcação da Sesmária do Barreiro, em 1782; a criação da Freguesia de São Domingos do Araxá, em 1791; a elevação da Freguesia à condição de Julgado de São Domingos do Araxá, em 1811; a transferência do Sertão da Farinha Podre da jurisdição de Goiás para Minas Gerais, em 1816. O Pau de Binga festejou a emancipação política de Araxá com a declaração assinada por um grupo de pessoas lideradas por Mariano de Ávila, em 1830, quando foi eleita a primeira Câmara Municipal por ele presidida. Foi um ato de rebeldia, legalizado no ano seguinte pelo governo real; da mesma forma, ele festejou a declaração e reconhecimento de Araxá como cidade em 1865.

O Pau de Binga sabia de tudo, pois acolhia todos, de todas as classes, de todos os credos, de todos os partidos. A seu pé, falava-se de tudo e ele tudo ouvia. Choro e alegria de quem partia ou chegava, de quem ficava ou partia. Ele viu tudo. Viu Getúlio e JK... depois de ver Dona Beja, Josefa e Filomena; viu a chegada das locomotivas, dos primeiros carros e viu aviões...

O Pau de Binga era ponto de encontro, ponto turístico.

Mas, certo dia, depois de acompanhar os araxaenses e os brasileiros durante os anos obscuros das ditaduras, especialmente a militar, ele foi vencido, tombou. Tombou sem muito barulho, sem alarde. Suas raízes foram apodrecendo pelo excesso de esterco de gado, vindo do curral ali construído. Um senhor, com uma foice ao ombro ficou ali contemplando o gigante tombado; seu tronco era bem mais alto que o homem. Outro homem, de nome Luis Borges, viu e correu para informar a imprensa da cidade, pois esse acontecimento deveria ser “notícia nacional”. Afinal, essa morte queimaria muitos arquivos, como de fato o fez.

O Secretário de Obras e Serviços Urbanos – escolhido pelo último Prefeito da cidade, nomeado e não eleito – mandou máquinas e caminhões limparem o local. Os restos mortais do Pau de Binga foram sepultados ninguém sabe o lugar... mas o Pau de Binga permanece vivo na memória cultural de Araxá e revive sempre pela pena dos escritores desta terra.

A dor de Mariana dói em todas as cidades mineradoras

Com a palavra o poeta maior.

I
O rio? É doce.
A Vale? Amarga.
Ai, antes fosse
Mais leve a carga.

II
Entre estatais
E multinacionais,
Quantos ais!

III
A dívida interna.
A dívida externa
A dívida eterna.

IV
Quantas toneladas
exportamos
De ferro?
Quantas lágrimas
disfarçamos
Sem berro?

Carlos Drummond de Andrade, em 1984.

“É lícito afirmar que são prósperos os povos cuja legislação se deve aos filósofos.”

Aristóteles

Em respeito à “Mãe África”

(Notícias do “Dia da Consciência Negra” circulavam, enquanto era preparada essa edição. Conclusão: era a oportunidade de mostrar o valor cultural que vem da África. Qual o caminho encontrado? Trazer para o leitor informações sobre a Literatura produzida naquele continente. Como Literatura é relação coletiva – escritor/leitor – está conosco Adriene Costa de Oliveira Coimbra, Mestra em Literatura e Doutora em Educação, com algumas considerações sobre Mia Couto e sua obra literária. É a presença da África e de Moçambique nesse periódico. Esta é uma forma de participação nas comemorações do Dia da Consciência Negra e uma homenagem a um negro muito especial, Pedro Honório da Costa).

Com a palavra Adriene Costa de Oliveira Coimbra

Mia Couto, escritor moçambicano, é um dos grandes divulgadores e colaboradores para que a literatura africana ficasse conhecida em todo o mundo. Além de escritor renomado é também biólogo, o que contribuiu para que, em seus escritos, tornasse patente a presença do homem sempre em contato com os elementos da natureza. Essa relação perpassa pelo olhar “natural” que enxerga, pela visão de seus personagens, um ser humano em interlocução com a terra, como origem; com as matas densas, rememorando a plantação típica africana; os costumes e as tradições de África.

Outro ponto de destaque da obra coutiana é o retrato de uma África em guerra, em que seus habitantes estão sempre em situação de nomadismo; e, por causa disso, não são capazes de se fixarem em uma terra e de ficarem raízes. Tal situação expõe ao leitor os conflitos vivenciados pelos povos africanos, marcados pela constante guerra civil.

Leitor machadiano, é capaz de captar, nas entrelinhas de seus escritos, a fascinante e complexa ironia de Machado; tornando sua escrita, aos olhos de seus leitores, uma interpretação discursiva da obra de Assis.

Entre os livros mais conhecidos estão “Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra”, em que traça a trajetória de Marianinho que retorna à sua terra natal depois de anos de ausência, morando e estudando na cidade grande. Na obra, torna-se evidente o arraigamento das tradições, pronunciadas pela voz do protagonista, que, com a morte o avô, assume o lugar do patriarca da família. A narrativa torna-se envolvente, pois retrata a saga familiar dos Marianos, os quais, em uma série de segredos e intrigas, buscam o desvelamento, a retirada do véu que os

encobre, num jogo discursivo poético e fantástico.

“Terra Sonâmbula” é uma outra obra de Mia Couto em que o autor narra o encontro (des-encontro) entre a terra e o sonho, compreendendo que, quando os homens acordavam do sono, viam um novo ambiente ao seu redor; levando-nos a vislumbrar uma possibilidade: o que “leva o homem a andar, a perambular pelo mundo é o sonho, porque enquanto perdurar o sonho, a terra permanecerá viva”. Novamente, Couto retrata a terra como um organismo vivo: sofre, padece, vai em direção de um futuro melhor; assim como os personagens. Nesse sentido, há de se considerar que o protagonista Muidingaa vislumbra que as ações do homem estão interligadas à terra, ao chão, pelas quais e por meio do sonho o homem buscará a esperança de dias mais amenos.

Tanto quanto em “Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra”, o autor procura, nos antepassados, conhecer suas origens, suas raízes; os conflitos, atrocidades, dores, sofrimentos; todos eles em apontamentos escritos em um caderno.

As descrições do romance são um detalhe a parte, pois são feitas de modo tão preciso, que é possível senti-las, apalpá-las como se fossem reais. Uma delas é singular, quando o autor retrata o campo de refugiados, cuja marca representa a própria nação africana à espera de assistência e comida e a única certeza é a morte.

Em um nebuloso misto de incertezas, o personagem vai caminhando pela “terra sonâmbula”, à procura de seu fado, de seu destino; perseverando na possibilidade de encontrar a libertação, encontrar a razão da própria existência na paisagem da imensidão do país.

“Feliz Natal!”

“Então, é Natal...”

No adro da igreja a solidão do presépio anuncia um outro Natal que já acontece. No interior das lojas a solidão das pessoas que procuram um Natal que não existe nas coisas, nas cores, nos enfeites nas telas, nas caixas, nas vitrines nos anúncios, nos vendedores, nos barulhos nos zuns-zuns, nas músicas nos vai e vens das ruas, das praças nas flores ornamentais, nas luzes... Nas luzes... nas luzes...

Luz.

A luz brilha e ilumina uma caverna uma choupana, uma casa... uma família a alimentar essa luz a luz que ilumina um menino... Um menino que é a Luz.

“Eu sou a Luz!

Eu vim para dissipar as trevas...”

“Então, é Natal... e o que você fez...”

Meu Deus, eu não fiz!...ou fiz?... E esse presépio solitário me incomoda E essas luzes, esse barulho essa multidão de silêncios... Meus olhos procuram a Luz. A Luz do presépio. A Luz do Menino, com Maria, com José. Meus olhos procuram a Luz que falta na cidade a Luz que falta nas ruas, nas casas no presépio solitário do adro da igreja a Luz que falta em mim

Esta edição tem o patrocínio de...

Pau de Bimba

Cachaça - pura, artesanal -

a Luz que falta em ti...

“Eu sou a Luz. Quem caminha comigo não anda nas trevas.”

“... o ano termina e começa outra vez.”

Sim. O ano termina marcado pelas luzes do comércio pelas luzes do ouro, do petróleo que queima pelas luzes das bombas que matam pelas luzes das bombas que explodem Paris e Tunísia que arrasam a Síria e ameaçam... O ano termina marcado pelo ódio lá e cá. Querem a luz do poder e do dinheiro...

Mas a verdadeira Luz brilha na caverna ou manjedoura. E tudo há de começar de novo na simplicidade do presépio que enche a casa de Luz, de Esperança e que há de nos trazer a Paz.

Meus olhos veem as luzes das vitrines do Noel. Mas meu coração sente o calor da Luz do presépio. Uma Luz que partilho contigo, meu amigo, meu irmão!

Depois da leitura de um poema

(Em sessão literária)

(Impromptu)

Às vezes o pastor subindo aos Alpes Lança aos abismos a canção tremente. Responde em baixo – o precipício enorme! Responde em cima - o firmamento ingente!

Poeta! A voz do pegureiro errante Em ti vibrando... se alteou!... cresceu! Tua alma é funda – como é fundo o pego! Teu gênio é alto – como é alto o céu!

Bahia, 2 de outubro de 1870.

Castro Alves